

## A dimensão mística, social, profética e ecológica da pobreza a partir da experiência de Clara de Assis

*Júlia Kevin Trindade Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** A reflexão oferece uma aproximação teológica da experiência vocacional de Santa Clara de Assis, identificando na opção pela pobreza o elemento central e particular da espiritualidade clariana. O objetivo deste trabalho é, portanto, apontar elementos da espiritualidade clariana, na busca de evidenciar a relevância do ramo franciscano feminino na proposta da Economia de Francisco e Clara. Para isto, é necessário situar historicamente o movimento de São Damião e distinguir sua especificidade em meio aos processos de estruturação eclesial do séc. XIII; Explorar a identidade carismática de São Damião, transcrita nas fontes clarianas; Apresentar uma hermenêutica da mística clariana como possibilidade de seguimento de Cristo hoje. Os resultados do estudo enfatizam uma particularidade clariana na forma de concretizar a pobreza evangélica assumida em São Damião. Conclui-se que a experiência clariana lança apelos e provocações à práxis cristã, na dimensão mística, social, profética e ecológica da pobreza.

**Palavras-chave:** Privilégio da Pobreza. Propriedade. Seguimento. Contemplação. Conformação.

### INTRODUÇÃO

A intuição carismática vivida por São Francisco e Santa Clara de Assis, no período medieval, marcou profundamente a Igreja, inspirando homens e mulheres ao longo da história. Nos dias de hoje, o franciscanismo continua reverberando na vida da Igreja e inspirando caminhos de humanização. A recente proposta de uma Economia de Francisco, no Brasil, recebida como Economia de Francisco e Clara, aponta para a necessidade de revisitar as fontes franciscanas e clarianas. O ramo feminino da experiência franciscana, iniciado por Clara de Assis no século XIII, por circunstâncias histórico-eclesiais, distinguiu-se muito do ramo masculino na forma de fidelidade à pobreza evangélica. A identidade carismática de São Damião foi resguardada pelo Privilégio da Pobreza, no qual as Irmãs ficaram dispensadas de obter propriedades. Por meio deste elemento bem concreto, que evoca uma total confiança e dependência da providência divina, Clara e suas Irmãs se uniram à pobreza do Cristo totalmente entregue ao Pai e ao Reino. A experiência clariana acena, assim, elementos importantes e singulares para a proposta de realmar a economia.

Na história, a aproximação à experiência de Clara de Assis de forma mais particular tem início a partir do século XX. De fato, Clara ficou esquecida por oito séculos, sendo sempre associada à figura de Francisco de Assis, como a primeira mulher a integrar o movimento franciscano. Porém, algumas descobertas e publicações impulsionaram o desenvolvimento de bibliografias mais críticas e individualizadas da experiência clariana. O ano de 1953, no

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e aluna do Programa de Mestrado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, bolsista da CAPES. E-mail: [s.juliakt@gmail.com](mailto:s.juliakt@gmail.com)

qual se celebrou os 700 anos da morte de Santa Clara, foi um marco no estudo das Fontes Clarianas e na investigação de uma espiritualidade pessoal de Clara. Neste ano, foram publicadas as cartas escritas por Clara a Inês de Praga, deixando entrever uma riqueza mística incomensurável e singular, inserida no carisma franciscano, sob a ótica da experiência feminina. No campo da espiritualidade, os estudos clarianos têm como principal referência o Frade Franciscano José Carlos Pedroso (In memoriam). Alguns autores do franciscanismo se propuseram a situar Clara na história dos Frades Menores, contemporâneos e posteriores a Francisco, e também no quadro dos inúmeros movimentos femininos surgidos a partir do século XII na Europa. Entre eles estão: Margaret Carney, Marco Bartoli, Anton Rotzetter e Delir Brunelli. O propósito da presente reflexão será, então, oferecer uma aproximação à experiência de Clara de Assis a partir de uma perspectiva teológica, com a finalidade de oferecer uma hermenêutica da espiritualidade clariana a ser assumida e descoberta na contemporaneidade. Para tal, o trabalho apresentará, inicialmente, uma contextualização histórico-ecclesial do mosteiro franciscano feminino no qual viveu Clara de Assis. A seguir, enfatizará o elemento principal de sua identidade carismática, por meio da aproximação de alguns escritos clarianos. Por fim, buscará sintetizar os desdobramentos do aspecto central da espiritualidade clariana, acenando para a vivacidade de tal mística na contemporaneidade.

## 1 O RAMO FEMININO DO FRANCISCANISMO EM SÃO DAMIÃO

O movimento franciscano emergido no século XII, na cidade de Assis, provocou e provoca impacto até os dias de hoje por meio da sua proposta particular de seguimento a Jesus Cristo. Clara Favaroni, jovem nobre de Assis, em meio à efervescência do movimento, sentiu-se chamada à vida penitente<sup>2</sup> ao modo de Francisco de Assis. Ela foi capaz de romper com os limites de gênero, inaugurando o ramo feminino dessa experiência de seguimento do Cristo pobre e de vida fraterna. A comunidade formada por Clara de Assis em São Damião constitui um testemunho da sensibilidade feminina no franciscanismo. Hoje, diante da provocação do Papa Francisco para uma Economia de Francisco, o Brasil fez a opção de inserir também a figura de Clara nesse movimento de reorganização da vida socioeconômica. A presença feminina nesse processo é imprescindível e transmite elementos muito particulares, próprios da sensibilidade das mulheres, como bem atesta a experiência de Clara de Assis. Apesar de que Clara e Francisco pertencessem ao mesmo movimento, as formas de concretizar e de vivenciar a fidelidade carismática deu-se de maneiras distintas, em decorrência do contexto ecclesial e da criatividade de cada um.

São Damião surge em meio à efervescência de movimentos de mulheres na Europa, entre os séc. XII e XIV. Tais movimentos eram caracterizados pela busca dos ideais evangélicos e pauperistas. A opção pela pobreza, no contexto contemporâneo de Francisco e Clara, não foi exclusividade do Movimento Franciscano. Muitos grupos almejavam um retorno ao Evangelho, em um momento ecclesial marcado por muitas pompas e riquezas. A Igreja hierárquica buscou, nesse momento, formas de organização dos novos movimentos, entre os

2 Vida penitente significa, na época, ao que hoje se identifica como vida religiosa consagrada.

quais, muitos foram considerados heréticos e perseguidos. O reconhecimento por parte da Igreja era fundamental para a sobrevivência dos novos grupos carismáticos. São Damião também foi submetido às imposições da Igreja, porém, isto não significou perder de vista sua identidade carismática. A comunidade de Clara de Assis constitui, assim, um testemunho de conciliação entre instituição e carisma, prezando pela fidelidade carismática e a comunhão eclesial. Essa sabedoria provém da obediência evangélica, pois manifesta uma confiança nos sinais de Deus manifestado nas autoridades e uma paciência histórica que é fecunda, como hoje podemos comprovar, após passados mais de 800 anos da experiência de Francisco e Clara.

A obediência de São Damião não constitui uma obediência cega, mas revela a dimensão de comunhão que é sinal da ação do Espírito na história. Esta comunhão de Clara e suas Irmãs com a Igreja é enriquecida pela revelação acolhida no testemunho singular daquela comunidade. Nesse sentido, a obediência é experiência de comunhão, de acolhida e doação: acolhida no seio da Igreja e doação de frutos à Igreja. Interpretar a trajetória de São Damião a partir do pressuposto de comunhão possibilita que se reconheça na atuação da Igreja e na resistência da comunidade de Clara sinais do Evangelho. O caminho percorrido por Clara após a fuga de sua casa revela elementos importantes que caracterizam a particularidade de São Damião. Auxiliada pelos Frades Menores, e, provavelmente, pelo bispo de Assis, Clara dirige-se, em primeiro lugar, para o Mosteiro Beneditino de São Paulo das Abadessas. A estadia de Clara neste Mosteiro pode ser considerada bem estratégica, porque aquela comunidade gozava do privilégio papal de asilo. Portanto, quem praticasse violência naquele lugar, seria excomungado. Desse modo, os familiares de Clara não poderiam obrigá-la a sair de lá. No entanto, a estadia no Mosteiro Beneditino foi curta. Logo, Clara dirigiu-se para a Igreja de Santo Ângelo de Panzo, na qual vivia um grupo de mulheres. Esta Igreja, provavelmente, constituía um dos eremitérios urbanos formados por mulheres celibatárias e itinerantes. No entanto, Clara também não fica lá por muito tempo, pois dirige-se, enfim, à São Damião, Igrejinha reformada por Francisco. Essas estadias de Clara são muito interessantes, porque vão delineando a forma de vida buscada por Clara, que não se caracteriza como monacal e nem itinerante. Eis o que diz André Vauchez a este respeito:

Clara não reivindicou para si e suas irmãs o direito de pregar ou ensinar, mas desejava ardentemente continuar vivendo em simbiose com os irmãos menores e rejeitava com veemência ver sua comunidade transformada num mosteiro de virgens fechadas e dotadas de rendas. Mesmo tendo aceito o estilo de vida semelhante às reclusas, conservavam contato com o mundo que as rodeava. Foi intransigente na questão da pobreza, porque o fato de viver numa precariedade permanente constituía o ponto sobre o qual sua fundação podia, diferenciando-se do monaquismo beneditino, permanecer fiel ao espírito do Pobrezinho e, através dele, às aspirações evangélicas que haviam animado os movimentos laicos dos séculos XI e começos do século XII. (VAUCHEZ, 1997, tradução nossa).

Inicialmente, São Damião se organizou a partir da Forma de Vida escrita por Francisco em 1212, cujo documento foi conservado pela Forma de Vida escrita por Clara posteriormente:

Vendo o bem-aventurado pai que não temíamos nenhuma pobreza, trabalho, tribulação, humilhação e desprezo do mundo, antes tínhamos tudo isso como um prazer, movido de piedade, escreveu-nos uma forma de vida deste modo: 'Desde que por inspiração divina vos fizestes filhas e servas do Altíssimo Sumo Rei Pai celeste e desposastes o Espírito Santo, optando por uma vida de acordo com a perfeição do santo Evangelho, eu quero e prometo, por mim e por meus frades, ter por vós o mesmo cuidado diligente e uma solicitude especial, como por eles.' (Clara, 2004, p. 1719).

Como se pode notar, a comunidade de São Damião era considerada parte da fraternidade dos Irmãos Menores, e, portanto, partilhava dos mesmos ideais de pobreza no seguimento de Cristo. Porém, poucos anos depois, essa clareza do que representa a comunidade de São Damião para o movimento franciscano começa a ser colocada em cheque. O IV Concílio de Latrão, ocorrido em 1215, determina que os novos movimentos deveriam adotar as Regras antigas como a de São Bento, de Santo Agostinho, entre outras. Clara adotou, assim, a Regra de São Bento em sua comunidade, a fim de assegurar a permanência de sua comunidade no seio da Igreja, porém, encontrou um caminho original a fim de não se desvincular do movimento franciscano. Em 1216, São Damião recebe a visita do Pontífice, Inocêncio III. Clara lhe solicita, assim, o Privilégio da Pobreza. Eis o que Celano relata sobre isto:

Querendo destacar sua Ordem com o título da pobreza, solicitou de Inocêncio III, de feliz memória, o privilégio da pobreza. Esse varão magnífico, congratulando-se por tão grande fervor da virgem, disse que o pedido era raro, pois jamais tal privilégio tinha sido pedido à Sé apostólica. E para corresponder ao insólito pedido com insólito favor, o pontífice redigiu de próprio punho, com muito gosto, o primeiro rascunho do pretendido privilégio. (Celano, 2004, p. 1798).

O Privilégio da Pobreza manifesta a centralidade da pobreza para a comunidade de São Damião. A Regra de São Bento admitia posses ao Mosteiro. Clara inusitadamente institucionaliza o carisma ao solicitar que ninguém obrigasse sua comunidade a obter posses. Esse considerado privilégio para Clara e sua comunidade precisa ser solicitado posteriormente, em 1228, sob o pontificado de Gregório IX. Essa insistência na opção pela pobreza experimentada de maneira bem concreta aponta para um elemento inegociável daquela comunidade. Trata-se de sua identidade carismática.

## 2 A POBREZA NAS FONTES CLARIANAS

O Privilégio solicitado por São Damião aponta que a pobreza constitui o elemento central da espiritualidade vivida por aquela comunidade. Por meio dos escritos clarianos é

possível perceber o aspecto vital vinculado à opção pela pobreza. Sem ela, a comunidade ficaria sem razão de ser e poderia caracterizar-se como vida monacal. Na 1ª carta à Inês de Praga, datada em 1234, Clara descreve qual a motivação por trás da opção pela santíssima pobreza:

Portanto, se tão grande e elevado Senhor, vindo a um seio virginal, quis aparecer no mundo desprezado, indigente e pobre, para que os homens, paupérrimos e miseráveis, na extrema indigência do alimento celestial, nele se tornassem ricos, possuindo os reinos celestes, vós tendes é que exultar e vos alegrar muito, repleta de imenso gáudio e alegria espiritual, pois tivestes maior prazer no desprezo do século que nas honras, preferistes a pobreza às riquezas temporais... (Clara, 2004, p.1703).

A razão em assumir uma vida pobre, concretizada na não propriedade, é Jesus Cristo. A pobreza para Clara é, portanto, uma imitação do Senhor, está fundada na vida salvífica de Cristo e, portanto, é uma pobreza cristológica. A experiência de imitação é muito forte na espiritualidade do período medieval. Podemos também identificá-la como uma experiência de configuração ou conformação a Cristo. A simbologia do espelho, muito característica de Clara, oriundo de seu contexto, manifesta também essa experiência.

A forma com a qual Clara expressa a união com o projeto salvífico de Cristo é por meio da mística esponsal: “Você se fez seguidora da santíssima pobreza em espírito de grande humildade e do mais ardente amor, juntando-se aos passos daquele com quem mereceu unir-se em matrimônio.” (Clara, 2004, p.1706). Essa linguagem que retrata uma união de dois que se tornam retrata da forma mais aproximada possível a experiência mística clariana. Trata-se de uma união que a torna, cada vez mais, inserida na vida de Cristo. Na mística clariana, a união a Jesus Cristo, acolhida no estilo de vida pobre, se aprofunda por meio da contemplação. A contemplação do Cristo, para Clara de Assis, é uma experiência de transformação, é se tornar imagem da divindade. Trata-se de uma cristificação da existência: “Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se inteira pela contemplação, na imagem da divindade.” (Clara, 2004, p.1708).

Clara desejava se parecer com Jesus. Talvez, a sua história, a sua criação, entre as damas de Assis, contribuiu muito para essa sensibilidade para o concreto na experiência mística. Na Forma de Vida escrita por ela, por exemplo, menciona-se uma pobreza bem concreta, que significa não ter nada de próprio: “E, por amor do santíssimo e diletíssimo Menino deitado no presépio envolto em panos pobrezinhos, e de sua santíssima Mãe, admoesto, peço e exorto minhas Irmãs a se vestirem sempre de roupas vis.” (Clara, 2004, p.1716). Porém, essa concretude não é vazia de sentido, mas é movida pela contemplação de Cristo. Trata-se de uma prática fundada na experiência espiritual. Em Clara há uma comunicação e uma mútua dependência entre práxis e espiritualidade: a pobreza concreta, assumida na opção de nada possuir, é fundada no desejo de imitação do Cristo pobre; e, ao mesmo tempo, a imitação do

Cristo pobre na vida, no dia-a-dia, abre no ser mais possibilidades de encontro e acolhida do Mistério de Cristo. A pobreza vivida por Clara e suas Irmãs é a de um cotidiano atravessado pelos Mistérios de Cristo. Não se trata de uma pobreza meramente material, nem tampouco espiritual. Mas, trata-se de uma concretude fundada na contemplação da vida de Cristo. Por meio dessa opção, tão concreta e dramática em sua vida, Clara, e também a sua comunidade, vivenciaram a sua fidelidade à inspiração inicial do movimento franciscano, uma vida conforme o Evangelho, na imitação do Cristo pobre.

### 3 DIMENSÃO MÍSTICA, SOCIAL, PROFÉTICA E ECOLÓGICA DA POBREZA

A experiência de Clara de Assis em sua opção pela vida pobre revela, no séc. XIII, mas também no hoje da história, várias dimensões da pobreza. Tal variedade manifesta o sentido e a relevância da opção por uma vida pobre. A dimensão mais evidente da pobreza na experiência clariana é a dimensão mística. Sandra Maria caracteriza a pobreza experimentada por Clara e Francisco como uma pobreza mística, porque não se trata simplesmente de uma pobreza funcional. Segundo a autora, a pobreza mística é vivida em profundidade, para ser uma só coisa com o Filho de Deus, para unir-se a Cristo, para conformar-se com Ele, para ser esposa pobre de Cristo pobre. (2002, p. 593). A caracterização da pobreza vivida por Clara como uma pobreza mística significa, então, afirmar que, na pobreza, Clara experimenta e aprofunda a sua união com Cristo, em outras palavras, sua conformação a Cristo. Trata-se da participação no Mistério de Cristo, acolhido na opção de nada possuir. A pobreza é a via clariana de acolhida do Mistério autocomunicado à humanidade e ao mundo, acolhida que se dá progressivamente na existência. Assumir o aspecto da pobreza, presente na vida de Jesus, significa, assim, abrir espaços internos e externos na existência para se configurar, cada vez mais, a Cristo. A opção por uma forma de vida, como Clara que escolheu a santíssima pobreza, significa identificar os caminhos de acolhida dessa vida de Cristo e experimentá-la na existência.

A pobreza mística experimentada em São Damião traduziu-se de maneira muito concreta: não ter propriedade. Esta concretude poderia ser vivenciada por meio de outros aspectos também. O fundamental, no entanto, é que a opção pela pobreza afete o cotidiano da comunidade. A escolha por ir na contramão dos grupos religiosos daquele tempo, abastados de riquezas e posses, revela a dimensão social da pobreza na mística clariana. Hoje, poderíamos interpretá-la como resistência a um sistema que legitima as pessoas pelo que elas têm e pela sua capacidade produtiva. O seguimento do Cristo pobre implica, assim, uma escuta dos sinais de pobreza que evocam o lugar de marginalidade assumido por Cristo para a salvação de tudo e de todos. É importante distinguir o que se reconhece como pobreza evangélica da pobreza miserável, fruto da injustiça social. A pobreza recomendada por Jesus está, sobretudo, na liberdade em assumir o projeto salvífico do Pai. Eis o que diz Leonardo Boff a este respeito:

Ao falarmos de Jesus pobre devemos logo vencer a tentação que denunciamos acima de querer compreendê-lo como materialmente po-

bre. Ele também o foi, mas não está aí a riqueza da pobreza de Jesus Cristo. Ele foi o sacramento da pobreza radical, enquanto era criatura e Filho de Deus. São João tematiza em seu Evangelho a pobreza fundamental de Jesus. Ele é apresentado como o Enviado e o Filho por excelência. Não prega a si, mas o Pai; o Reino não é seu, mas de Deus. Vive permanentemente na referência de Deus. Entende-se a si e a sua obra como obra de Deus no mundo. Eu não faço nada por mim mesmo (Jo 5,30; 6,38); não busco minha glória (Jo 7,16); não falei de mim mesmo (Jo 12,49). Os discípulos não são seus, foram-lhe dados pelo Pai (Jo 6,37.44; 10,29; 17,6). Estas expressões, não devemos entendê-las num sentido moralizante, mas num sentido radical. Sente-se de tal maneira Filho e dependente, que de fato tudo recebe do Pai. Vive pois na mais radical pobreza. Sendo Deus, se despojou totalmente. (Boff, 1974, p. 175).

Diante disso, fica a pergunta sobre o sentido de se assumir uma pobreza externa, uma vez que as condições vividas pelos pobres contrariam a pobreza recomendada por Cristo. Clara e a sua comunidade, a fim de se manterem fiéis à adesão ao Cristo pobre, optaram por concretizar a escolha livre pela pobreza por meio do *Privilegium Paupertatis*. Esta foi uma escolha situada no tempo e na história. Diante das muitas posses e riquezas das quais dispunham os mosteiros, São Damião opta por não ter propriedades, e resguarda juridicamente sua opção. Clara manifesta, com a sua experiência, a importância das estruturas externas na vivência de um projeto espiritual. A opção por concretizar a pobreza na vida, hoje, é extremamente salutar para uma vivência espiritual, quando essa evoca a atitude do Cristo pobre.

Segundo o frade franciscano Alberto Beckhauser, a observância da pobreza material é como que o exercício ou a celebração do mistério da pobreza, para que sempre e em toda parte o religioso viva em atitude de pobre. Neste sentido, a celebração da pobreza pelos sinais do uso simples e da renúncia dos bens materiais constitui uma contínua provocação para o ser pobre, provoca uma permanente insatisfação com o grau de pobreza evangélica adquirido. (1973, p. 608). A pobreza externa voluntária é expressão de uma solidariedade com os irmãos e irmãs vítimas da injustiça social. Assim como aponta Leonardo Boff, não se trata de romantizar a situação de miséria lastimável:

O clamor dos pobres denuncia a estrutura injusta da sociedade. A existência de cada um deles constitui uma teofania e uma cristofania, porque evoca o Cristo condenado e maltratado, e traz à memória a opção privilegiada de Deus pelos últimos da terra. Desse modo, a opção pela pobreza, hoje, no mundo onde a riqueza se sobrepõe à pessoa humana, significa protestar contra um modelo social injusto e apontar para uma convivência mais fraterna, igualitária e justa. (Boff, 1974, p. 173- 174).

Assim como no antigo Israel, hoje, profetas e profetizas são escolhidos entre o povo para denunciar os ataques contra a vida. Esses homens e mulheres, inseridos no meio do povo pobre, são como sentinelas, que, com a própria vida, simples e sóbria, expressam os rostos de pobreza e miséria humana. Por fim, resta destacar a dimensão ecológica da pobreza. O movimento franciscano testemunha uma relação fraterna com a Criação, reconhecendo o bem de cada criatura em si mesma. Hoje, diante da crise socioambiental na qual a humanidade está inserida, faz-se urgente buscar novas formas de ser e estar no mundo. Esta nova relação com a Criação pode nascer a partir de uma escolha. A tradição franciscana ensina que os gestos pequenos são fecundos. Clara escolheu não ter propriedade, motivada pelo seguimento do Cristo pobre, rompe com as estruturas sociais de seu tempo, solidariza-se fazendo-se uma entre a marginalidade. Uma escolha tem um impacto grandioso no mundo. A realidade socioambiental precisa, antes de tudo, de novas escolhas, surgidas da consciência fraterna entre os seres humanos e a criação. Desta escolha, emergem as rupturas com os sistemas de exploração e destruição; cresce a solidariedade e a interdependência entre sistemas sociais e ambientais; O grito da terra também ecoa entre o grito dos pobres. Hoje, diante do consumo exacerbado e dos avanços tecnológicos em detrimento da exploração de recursos da Terra, faz-se necessário despontar do meio povo profetas e profetizas, Franciscos e Claras, que façam opções por estilos de vida ousados, que só podem brotar do Evangelho. A coerência evangélica provoca, assim, uma reorganização de valores diante da sociedade contemporânea, de forma que o Privilégio da Pobreza seja reconhecido como privilégio.

## CONCLUSÃO

Este artigo procurou desenvolver uma aproximação teológica da espiritualidade clariana, em vista de uma atualização da experiência carismática de São Damião. O primeiro passo para tal consistiu em situar Clara de Assis e a sua comunidade no contexto eclesial do século XIII, marcado pela emergência de novas manifestações espirituais de retorno ao Evangelho. Tal contextualização levou à afirmação de que apesar da tendência geral na busca pela pobreza evangélica, o monaquismo franciscano feminino se destacou ao resguardar a sua identidade carismática, sem provocar uma ruptura eclesial. O Privilégio da Pobreza acena para um valor inegociável na comunidade de São Damião. As Irmãs se submeteram aos imperativos eclesiais, na adoção da Regra de São Bento, porém, não lançaram mão da imitação do Cristo pobre. Os escritos de Clara de Assis, especificamente as cartas destinadas a Inês de Praga e a Forma de Vida, referem-se à pobreza como o objeto da opção vocacional das Damas Pobres. A aproximação às fontes clarianas demonstrou que a pobreza, perseguida por Clara, não se reduz meramente a uma virtude, mas é o que a mantém unida à inspiração inicial de Francisco e, sobretudo, a Jesus Cristo. A pobreza na experiência clariana é o fruto da contemplação do Mistério de Cristo, que viveu a sua vida entregue ao Pai e ao seu projeto salvífico. A imagem do espelho foi uma das maneiras encontrada por Clara de descrever a sua experiência de conformação ao Cristo pobre. Outra imagem extensivamente usada por Clara para descrever sua experiência espiritual é a da união sponsal. Esta união a Cristo se manifesta concretamente na vida de pobreza.

A pobreza evangélica, assumida em São Damião, consiste em uma experiência bem concreta, motivada pela união a Cristo, que se fez pobre para a salvação de tudo e todos. Esta pobreza tem relação com o não pertencimento a si mesmo, à liberdade em assumir o projeto que lhe é confiado. Por isso, a opção pela santíssima pobreza é compreendida como um ato de liberdade. São Damião elegeu um elemento concreto para experimentar no cotidiano espaços de encontro com o Mistério de Cristo. O Privilégio da Pobreza demonstra, assim, a imprescindibilidade de encarnar a vida espiritual. No século XIII, o sinal profético de radicalidade no seguimento ao Cristo pobre foi não dispor de propriedades. A vivência espiritual de Clara de Assis conduz, assim, não somente a uma contemplação de Cristo, mas também a uma contemplação do mundo, que encontra em todos os lugares, espaços de acolhida do Mistério que foi plenamente revelado em Jesus Cristo. O testemunho de seguimento a Cristo na comunidade de São Damião se desdobra em várias dimensões que enchem de sentido a opção por uma vida pobre no hoje da história. Não se trata de uma pobreza meramente material, nem tampouco espiritual, mas, sim, mística, social, profética e ecológica.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. A Pobreza no Mistério do homem e de Cristo. *Grande Sinal*, Petrópolis, v. 28, n.3, p. 163-183, abr. 1974.
- CLARA DE ASSIS. Forma de vida de Santa Clara. In: TEIXEIRA, Celso Márcio *et al.* (Orgs.). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004. p.1713-1725.
- CLARA DE ASSIS. Primeira carta de Santa Clara a Santa Inês de Praga. In: TEIXEIRA, Celso Márcio *et al.* (Orgs.). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004. p.1703-1705.
- TOMÁS DE CELANO. Legenda de Santa Clara Virgem. In: TEIXEIRA, Celso Márcio *et al.* (Orgs.). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004. p.1788-1825.
- VAUCHEZ, A. Santa Clara y los movimientos religiosos femeninos de su tiempo. *Selecciones de Franciscanismo*, Valência, v. 26, n.78, p. 439-452, 1977. Disponível em: <https://www.franciscanos.org/historia/VauchezSantaClaraylosmovimientosreligiososfemeninos.htm>. Acesso em: 06 set. 2023.